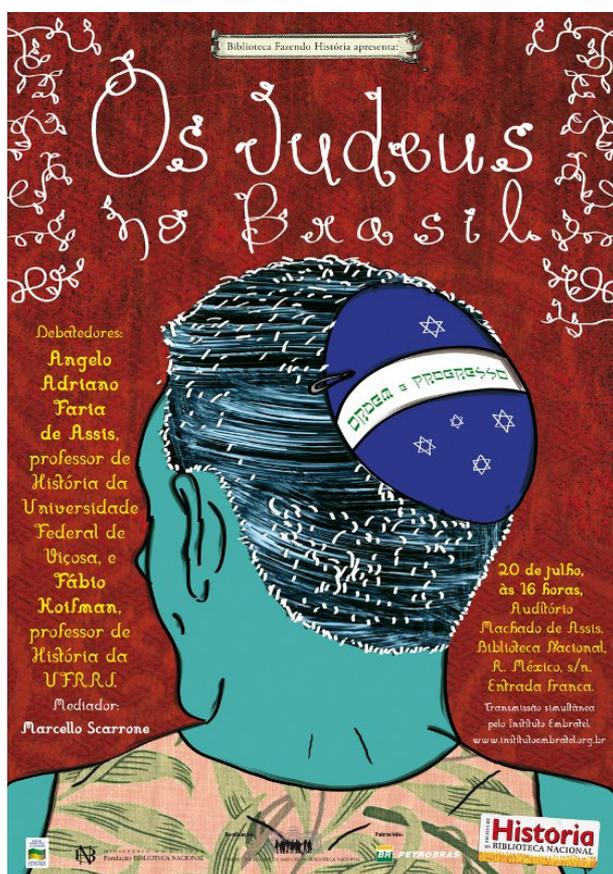


## Os Judeus no Brasil

Por Beatriz Torquato

O auditório Machado de Assis, na Biblioteca Nacional (RJ), ficou pequeno no final da tarde de terça-feira (20/07). Aos poucos iam chegando cada vez mais ouvintes, com olhares ansiosos e muita expectativa. O motivo: naquele dia o Projeto Biblioteca Fazendo História trataria da questão dos Judeus no Brasil. A iniciativa da Revista de História da Biblioteca Nacional, que se repete a cada nova edição lançada, busca aprofundar o tema abordado na reportagem de capa por meio de um ciclo de debates, sempre com dois especialistas no ramo. Nesse encontro mais recente, a temática da trajetória dos judeus que optaram por residir no Brasil foi conduzido por dois historiadores cujo campo de estudo se encontra apoiado na questão: Angelo de Assis, professor de História na Universidade Federal de Viçosa, e Fábio Koifman, professor de História na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro(UFRRJ).



O conteúdo exposto se deu de acordo com os dois principais momentos da trajetória desse povo em solo brasileiro: o primeiro contato, por conta da diáspora na Península Ibérica no século XVI e sua chegada em massa já na Era Vargas, momento de intensa imigração europeia. Com uma linguagem acessível para leigos, os professores buscaram evidenciar os principais aspectos da questão, de forma a demonstrar que a cultura brasileira em muito se beneficiou com a intervenção da cultura judaica.

O debate se inicia com o pesquisador da Universidade Federal de Viçosa. Em sua introdução, descreve a trajetória judaica em solo nacional como “secular, tendo deixado marcas na história brasileira”. Para demonstrar tais marcas, o professor começou no período anterior ao descobrimento do Brasil, no ano de 1492, quando ocorreu a expulsão dos judeus do reino espanhol, fortemente católico. Ao migrar para Portugal, a população judaica estabeleceu-se comercialmente e enriqueceu, porém no ano de 1496 a perseguição torna a acontecer. A Igreja Católica não via com bons olhos a convivência e a influência entre judeus e cristãos. Mas, por outro lado, o rei se via em situação difícil: dependia dos impostos coletados e, ao provocar o êxodo da população judaica, estaria perdendo entre 10 a 15% da população, cerca de 1 milhão de contribuintes. Segundo o Professor Angelo de Assis, um prazo de dez meses foi dado para que deixassem o reino e aqueles que desejassem permanecer deveriam então converter-se, tornarem-se cristãos. Muitos, de acordo com o professor, foram forçados à conversão, visto que a Igreja realizava “batizados-surpresa” nos portos, quando estavam prestes a embarcar para outros países, e em outros ambientes públicos, como praças.

Esses judeus passaram a ser conhecidos, então, por “cristãos-novos”, ou criptojudeus, visto que a religião judaica continuava sendo praticada por eles em segredo. De acordo com o pesquisador, por cerca 40 anos a situação se manteve estável, até quando o Tribunal da Santa Inquisição começou a fazer forte campanha contra heresias, em boa parte da Europa. Sendo assim, o povo judeu espalhou-se pelo mundo, tendo relatos de sua presença em outras áreas do continente europeu onde a religião católica não era expressiva, como Holanda e Alemanha, mas também em regiões que na época eram consideradas exóticas, como Japão, Índia, China, África, e, é claro, Brasil.

O professor Angelo de Assis relatou que, através de suas pesquisas, foi possível perceber que os cristãos-novos que optaram por vir ao Brasil concentraram-se em regiões onde a produção açucareira despontava como principal meio de enriquecimento econômico. Tendo vindo de Portugal já com alguma fortuna, muitos foram capazes de tornarem-se senhores de engenho, integrando-se com a sociedade brasileira por meio de sua fortuna e relações comerciais. O fato de o Tribunal da Santa Inquisição não ter estabelecido sede em solo brasileiro estimulou muito o sucesso e a contribuição que os judeus viriam a dar, principalmente na região Nordeste: transmitiram alguns costumes e aspectos culturais, bem como contribuíram para o desenvolvimento tecnológico, fatores que se expandiram e hoje se encontram difundidos na cultura do país. Como disse o professor, “a história brasileira é rica em diversidade. Ao formar a identidade brasileira, o português não era um só, o índio não era um só e o negro também não”. Com essa volta ao passado, o pesquisador demonstrou a importância que os judeus apresentaram para a formação da sociedade brasileira.

Outro momento do debate foi a exposição de Fábio Koifman, cuja área de pesquisa contempla a questão da imigração nas primeiras décadas do século XX, momento de grande efervescência na Europa. Nessa época, os governantes brasileiros se preocupavam com a “má formação” do povo brasileiro, fruto da miscigenação entre indígenas, negros e portugueses. Tal conceito, conhecido por Eugenia, foi o principal embasamento para a seleção



de estrangeiros. Tal “política do branqueamento” determinava quais seriam os grupos étnicos com maior chance de contribuir para a melhora da população.

Simultaneamente, a Europa se encontrava sob o jugo de ditadores fascistas, sendo Hitler o mais radical. Conhecido por seu anti-semitismo racial, o ditador alemão contribuiu para o êxodo de milhares de judeus em direção à América, principalmente aos Estados Unidos. No entanto, no ano de 1924, os EUA fecharam suas fronteiras, o que fez com que o Brasil se tornasse destino preferencial da população judaica.

O pesquisador afirmou que não foi com o surgimento do sistema de cotas, em 1933, que a entrada de imigrantes judeus no Brasil foi prejudicada. Disse ainda que tampouco foi uma questão de anti-semitismo a restrição da etnia. Segundo ele, não apenas aos judeus eram negados os vistos de

entrada no Brasil, mas a todos aqueles que não fossem considerados brancos e de rápida assimilação. A preocupação do governo era com as futuras gerações. No caso dos judeus, embora fossem brancos, costumavam manter casamentos entre si, além de possuírem círculo social restrito. De acordo com a explicação do historiador, assim como outros grupos étnicos, os judeus não contribuiriam para o projeto de branqueamento populacional, conforme desejavam os seguidores da Eugenia.

Com isso, encerraram-se as exposições dos professores, e o espaço foi aberto à discussão. Com a presença de diversos judeus na audiência, o debate foi bastante democrático e intenso. Leigos e entendidos compartilhavam o ambiente, interessados e com certeza impressionados. Uma bela iniciativa que a Revista de História da Biblioteca Nacional assume, proporcionando conhecimento e espaço para reflexão, tudo isso gratuitamente.

Links:

Revista de História da Biblioteca Nacional

<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=edicao>

Informações complementares: documentário A Estrela Oculta do Sertão

<http://www.youtube.com/watch?v=e2F8kCP1CtI>

Créditos: fotografias gentilmente cedidas pela Revista de História da Biblioteca Nacional